

## Eleições Municipais 2024

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

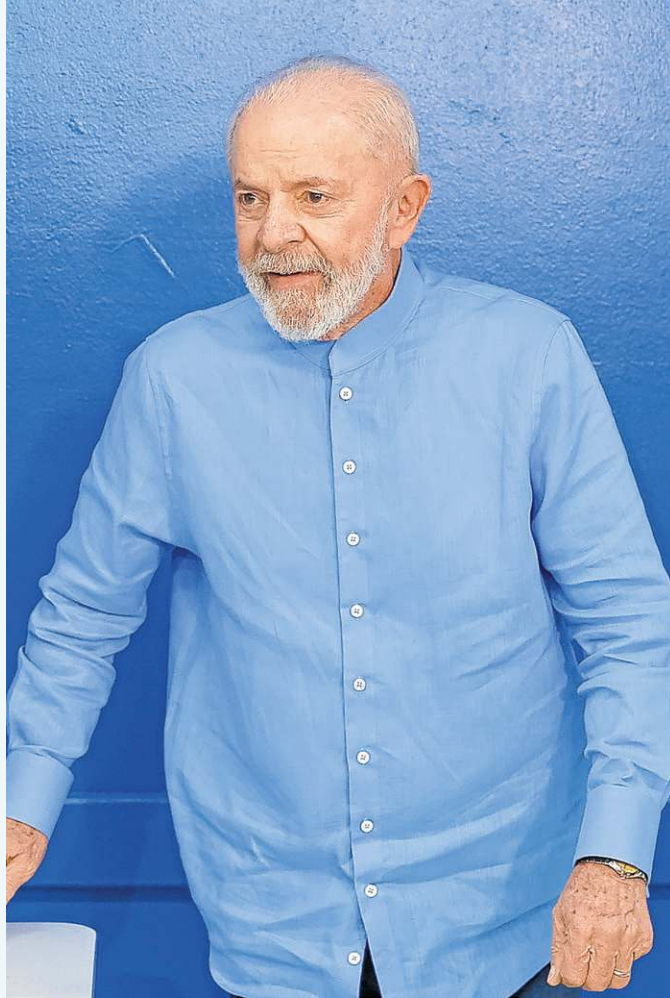
## "Contra o Boulos, estou com qualquer um"

Pedro Teixeira/Estádio Conteúdo



Depois de votar na Escola Municipal Rosa da Fonseca, na Vila Militar, o ex-presidente Jair Bolsonaro comentou as eleições municipais neste domingo (6/10). Ainda sem saber se Ricardo Nunes iria para o segundo turno — e em primeiro lugar —, o nome mais influente do PL disse que só apoiaria Pablo Marçal se fosse contra o Guilherme Boulos. "Contra o Boulos, (apoiaria) qualquer um", disse. No Rio de Janeiro, Bolsonaro teve dissabores. Na capital fluminense, Alexandre Ramagem não conseguiu evitar a vitória de Eduardo Paes em 1º turno. Viu ainda seu aliado em Angra dos Reis, Renato Araújo, derrotado. Mas teve dois filhos eleitos a vereador: Carlos Bolsonaro, pelo Rio de Janeiro, e Jair Renan, em Camboriú (SC).

## "É o momento de o povo se manifestar"



O presidente Lula votou por volta de 9h em São Bernardo do Campo (SP), uma das cidades mais simbólicas do petismo. Mas, assim como ocorreu em outras cidades do ABC paulista, amargou uma derrota de seu aliado, o deputado estadual Luiz Fernando (PT). Ao sair da urna, o presidente preferiu enaltecer a democracia. "Hoje é um dia muito especial para a democracia brasileira. Eu sempre acho que eleição é o momento mais extraordinário do povo dizer o que quer, como quer e para que quer. É o momento de o povo se manifestar. Muitas vezes, a gente, enquanto povo, erra. Muita vez a gente acerta. O que é importante é que o processo eleitoral e a democracia, que tanto nós necessitamos, nos dão a oportunidade de a cada dois anos, a gente corrigir o nosso erro", disse.

## Bolsonaro avança mais do que Lula na briga por votos

Mesmo inelegível, ex-presidente emplaca mais aliados nas disputas pelas capitais. Rio e Recife ajudam chefe do Planalto, mas PT enfrenta dificuldades

» VICTOR CORREIA

Se em 2022 Luiz Inácio Lula da Silva ganhou a disputa nas urnas contra Jair Bolsonaro, o ex-presidente levou a melhor nestas eleições municipais. O principal nome do PL emplacou mais aliados do que o adversário petista. O resultado reflete o engajamento dos dois, uma vez que Bolsonaro rodou o país em campanha, enquanto Lula ficou atarefado com os compromissos do cargo e cauteloso para as alianças regionais não provocarem danos à governabilidade.

Os dois aliados emplacados por Lula são Paes (PSD), no Rio de Janeiro, e João Campos (PSB), em Recife, reeleitos ontem. Para o segundo turno, estão no páreo seis candidatos apoiados pelo petista: Lúcio Cabral (PT), Cuiabá; Evandro Leitão (PT), Fortaleza; Rafael Brito (MDB), Maceió; Natália Bonavides (PT), Natal; Maria do Rosário, Porto Alegre; e Guilherme Boulos (Pso), São Paulo.

Bolsonaro, por sua vez, elegeu seis aliados: Arthur Henrique (MDB), Boa Vista; Tião Bocalom (PL), Rio Branco; Dr. Furlan (MDB), Macapá; Topázio Neto (PSD), Florianópolis; Arthur Henrique (MDB), Boa Vista; e Bruno Reis (União Brasil), Salvador.

Ele também levou adiante bem mais candidatos que Lula, com quinze postulantes: Emília Corrêa (PL), Aracaju; Éder Mauro (PL), Belém; Bruno Engler (PL), Belo Horizonte; Abílio Brunini (PL), Cuiabá; Eduardo Pimentel (PSD), Curitiba; Florianópolis; André Fernandes (PL), Fortaleza; Fred Rodrigues (PL), Goiânia; Marcelo Queiroga (PL), João Pessoa; João Henrique Caldas (PL), Maceió; Capitão Alberto Neto (PL), Manaus; Paulinho Freire (União Brasil), Natal; Janad Valcari (PL), Palmas; Sebastião Melo (MDB), Porto Alegre; Mariana Carvalho (União Brasil), Porto



**Tudo indica que foi um resultado péssimo em relação ao Lula. É um perigo para o PT em 2026, a centro-direita vem muito mais forte"**

**André Rosa**, professor de Ciência Política da UDF

**"O PL se organizou melhor e teve um grande trunfo, mais exitoso. Saiu fortalecido e vem forte para 2026, provavelmente com grande força para fazer uma bancada maior"**

**Luciana Santana**, professora de Ciência Política da UFAL

Velho; e Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo.

A baixa participação de Lula nas campanhas frustrou aliados. Ele só subiu ao palanque em São Paulo, ao lado do deputado federal Guilherme Boulos (PSol-SP). Mesmo assim, apenas em três eventos. Para as demais campanhas, ele se ateu a gravar vídeos e imagens para as propagandas eleitorais. Além da agenda cheia, há outros fatores para o afastamento do presidente.

A primeira é a própria estratégia do PT para as eleições. A sigla apostou em alianças com partidos que compõem o atual governo. Dos 13 candidatos petistas, apenas quatro passaram para o segundo turno, e nenhum se elegeu. Além disso, não querendo prejudicar a governabilidade, Lula orientou ministros a não entrarem em "bolas divididas", ou seja, a não se engajarem em campanhas contra candidatos da base.

## Revés no Rio

Bolsonaro, por sua vez, esteve mais ativo. A maior parte dos comícios em que participou

ocorreram em cidades do interior. Porém, durante o período de campanha, o ex-presidente foi a Natal, Fortaleza, Goiânia, Vitória, e Rio de Janeiro. Em São Paulo, porém, também manteve distância.

O ex-presidente evitou se engajar na campanha de Ricardo Nunes — que segue para o segundo turno — até o crescimento do ex-coach Pablo Marçal, que tentou se aproximar de Bolsonaro e assustou seu entorno. Somente então o líder do PL passou a gravar materiais para a reeleição do atual prefeito. Coube a um dos aliados mais próximos do ex-presidente, o governador paulista, Tarcísio de Freitas, emprestar seu capital político para impulsionar Nunes.

Em seu berço eleitoral, o Rio de Janeiro, Bolsonaro teve desempenho aquém do esperado. Eduardo Paes foi reeleito no primeiro turno, com cerca de 60% dos votos. Já o deputado bolsonarista Alexandre Ramagem (PL-RJ) atraiu em torno de 30% dos eleitores, apesar do esforço feito pelo ex-presidente na última semana para tentar alçá-lo ao segundo turno. Sem cargo público, Bolsonaro se comprometeu

completamente a apoiar o PL nos municípios, em sua meta para alcançar 1.500 prefeituras.

## Alerta para 2026

Para o professor de Ciência Política da UDF André Rosa, o resultado acende um alerta para Lula em 2026, demonstrando a força do PL e, em geral, o avanço da centro-direita. "Tudo indica que foi um resultado péssimo em relação ao Lula. É um perigo para o PT em 2026, a centro-direita vem muito mais forte", avaliou em conversa com o **Correio**.

A professora de Ciência Política da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Luciana Santana, por sua vez, aponta que não houve uma influência tão grande de Lula e Bolsonaro quanto se esperava, considerando o cenário polarizado das eleições presidenciais de 2018 e 2022. Entre os dois, porém, ela vê que o partido do ex-presidente teve um avanço importante na prefeitura, assim como as legendas do centrão.

"O PL se organizou melhor e teve um grande trunfo, mais exitoso. Saiu fortalecido e vem forte para 2026, provavelmente com grande força para fazer uma bancada maior", afirmou. Para ela, o afastamento do presidente Lula das campanhas contribuiu para o resultado, mas ela ressalta que é uma posição delicada para o chefe do Executivo.

"Ocupando o cargo, ele se expõe muito, principalmente em casos de derrota política. Ele mostra fragilidade e, sendo chefe de Estado, é complicado estabelecer um diálogo com quem entra como oposição", acrescentou. Já o advogado e cientista político Nauê Bernardo avalia que, embora haja grande influência do cenário nacional nas eleições municipais, o que vem crescendo nos últimos anos, ainda permanece a lógica local. "Preponderou bastante aquilo que o eleitor quer saber das questões locais", comentou.

## Com Paes eleito e Marçal fora da disputa, o pior passou

O prefeito Eduardo Paes (PSD) se reelegeu no Rio de Janeiro, com 1.861.856 votos, uma vitória expressiva, seja pela importância da cidade, seja pelos 60,44% dos votos que recebeu. Esse resultado representa uma lufada de ar fresco na política nacional. O pior dos mundos seria uma disputa de segundo turno com o candidato apoiado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, o deputado federal Alexandre Ramagem (PL), que recebeu 30,81% dos votos, um resultado muito expressivo para um candidato de perfil corporativo, estreante em disputas majoritárias.

Paes liderou a eleição de ponta a ponta, fruto da gestão que vem realizando na capital, do legado de administrações anteriores e da ampliação de suas alianças. Essa vitória no primeiro turno provavelmente não seria possível se o PT lançasse candidato na capital fluminense (Benedita da Silva, por exemplo) ou apoiasse o candidato do PSol, o deputado federal Tarcísio Motta, que obteve 4,2% dos votos, seu pior desempenho. O atual prefeito é um potencial candidato a governador do Rio de Janeiro, mas nega essa intenção. Paes já se candidatou ao cargo duas vezes, em 2006 e 2018, mas não se elegeu. O vice da chapa é Eduardo Cavaliere, também do PSD.

Houve, sim, uma disputa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Bolsonaro no Rio, mas foi muito dissimulada, porque Paes evitou a todo custo essa polarização. Ao contrário, Ramagem fez campanha na aba do chapéu de Bolsonaro, que elegeu o filho, Carlos (PL), o vereador mais votado da cidade. Bolsonaro saiu fortalecido pelo desempenho de Ramagem, que não pode ser subestimado, e seus candidatos no entorno da capital, onde elegeu os prefeitos de Belford Roxo, Márcio Canellas (União); de Duque de Caxias, Netinho Reis (MDB); de Mesquita, Marotto (PL); de Nilópolis, Abraãozinho (PL); e de São Gonçalo, com a reeleição do Capitão Nelson (PL).

Outro destaque foi a espetacular reeleição do prefeito de Recife, João Campos (PSB), com quase 80% dos votos. No segundo lugar ficou Gilson Machado (PL), com 14% dos votos. Com 30 anos, é o atual prefeito mais jovem da história do Recife, além de ser o mais jovem entre as capitais do Brasil. Campos começou sua atividade política como militante do PSB. Em 2018, foi eleito deputado federal por Pernambuco, sendo o mais votado do estado, com 460.387 votos. Em 2020, foi eleito prefeito do Recife. É herdeiro político do ex-governador Eduardo Campos, que morreu em plena campanha para a Presidência da República, e de Miguel Arraes, seu bisavô.

## Segundo turno

Na tumultuada eleição de São Paulo, a maior cidade do país, Pablo Marçal (PRTB) ficou fora do segundo turno, numa disputa eletrizante, na qual o prefeito Ricardo Nunes (MDB) recuperou a liderança e vai para o segundo turno como favorito, por uma diferença de aproximadamente 30 mil votos: teve 29,48% dos votos válidos, 1.801.139; e Guilherme Boulos (PSol), 29,07%, 1.776.127 votos. Marçal obteve 28,14% dos votos válidos (1.719.274).

Destaque para a deputada Tabata Amaral (PSB), que sofreu um ataque especulativo do PT, o chamado voto útil, mas conseguiu manter 9,93% dos votos válidos, o que a transforma numa peça importante nas negociações do segundo turno. O apresentador José Luiz Datena (PSDB) teve 1,84% e Marina Helena (Novo) ficou com 1,38%. Mesmo com Bolsonaro apoiando Nunes, o segundo turno será um embate entre Lula, que participou de carreatas no final da campanha de Boulos, e o governador Tarcísio de Freitas, uma peça-chave para evitar uma débauche na campanha de Nunes na última semana de campanha. O apoio de Marçal pode ser decisivo, mas é difícil avaliar o quão tóxico seria.

A disputa pela Prefeitura de São Paulo volta ao leito natural dos embates entre candidatos de esquerda, Boulos, e centro, Nunes. Se houver uma deriva por gravidade dos eleitores de Marçal e Tabata, tende a se confirmarem as pesquisas que dão a vitória a Nunes no segundo turno. Entretanto, ninguém ganha eleição de véspera. A diferença entre os dois foi muito pequena e haverá mais paridade de armas, porque o tempo de tevê é igual para ambos e o engajamento dos vereadores tende a ser menor, por já estarem eleitos.

Outro segundo turno que promete ser eletrizante é o de Belo Horizonte, onde o candidato de Bolsonaro, Bruno Engler (PL), recebeu 34,45% dos votos válidos e vai disputar contra o prefeito Fuad Noman (PSD), que tenta a reeleição e ficou em segundo, com 26,45%. Nascido em Curitiba, Bruno tem 27 anos e é deputado estadual. Fuad assumiu a Prefeitura após a renúncia do então prefeito, Alexandre Kalil, que deixou o cargo para disputar o governo de Minas Gerais. Ainda pode virar o jogo, porque tem mais possibilidades de alianças com o terceiro colocado.

Onze prefeitos foram eleitos em capitais do país já no primeiro turno das eleições. Entre eles, dois são do PL, partido de Bolsonaro. O PT, legenda de Lula, não teve nenhum candidato vitorioso nas capitais.

A legenda com maior número de prefeitos eleitos entre as capitais neste primeiro turno foi o PSD. A sigla saiu vitoriosa em três cidades: Rio de Janeiro, São Luís e Florianópolis. Além do PL e do PSD, também venceram neste primeiro turno: MDB em Macapá e Boa Vista; União Brasil em Salvador e Teresina; PSB no Recife (PE); Republicanos em Vitória.

SE HOVER UMA DERIVA POR GRAVIDADE DOS ELEITORES DE MARÇAL E TABATÁ, TENDE A SE CONFIRMAREM AS PESQUISAS QUE DÃO A VITÓRIA A NUNES NO SEGUNDO TURNO. ENTRETANTO, NINGUÉM GANHA ELEIÇÃO DE VÉSPERA.